

An aerial photograph of a rugged coastline. The water is a vibrant turquoise color, with white foam from waves crashing against dark, rocky cliffs. The cliffs are steep and appear to be covered in some vegetation. The overall scene is dramatic and scenic.

**João Batista da Silva
Leitão de Almeida
Garrett Visconde
de Almeida Garrett**

Viagens na Minha Terra

**João Batista da Silva Leitão de Almeida
Garrett Visconde de Almeida Garrett**

Viagens na Minha Terra



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066407568

ÍNDICE DE CONTEÚDO

OBRAS

CAPITULO I.

CAPITULO II.

CAPITULO III.

CAPITULO IV.

CAPITULO V.

CAPITULO VI.

CAPITULO VII.

CAPITULO VIII.

CAPITULO IX.

CAPITULO X.

CAPITULO XI.

CAPITULO XII.

CAPITULO XIII.

CAPITULO XIV.

CAPITULO XV.

CAPITULO XVI.

CAPITULO XVII.

CAPITULO XVIII.

CAPITULO XIX.

CAPITULO XX.

CAPITULO XXI.

CAPITULO XXII.

CAPITULO XXIII.

CAPITULO XXIV.

CAPITULO XXV.

INDICE.

OBRAS

VIAGENS NA MINHA TERRA

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXVI.

CAPITULO XXVII.

CAPITULO XXVIII.

CAPITULO XXIX.

CAPITULO XXX.

CAPITULO XXXI.

CAPITULO XXXII.

CAPITULO XXXIII.

CAPITULO XXXIV.

CAPITULO XXXV.

CAPITULO XXXVI.

CAPITULO XXXVII.

CAPITULO XXXVIII.

CAPITULO XXXIX.

CAPITULO XL.

CAPITULO XLI.

CAPITULO XLII.

CAPITULO XLIII.

CAPITULO XLIV.

CAPITULO XLV.

CAPITULO XLVI.

CAPITULO XLVII.

CAPITULO XLVIII.

CAPITULO XLIX.

OBRAS

Índice de conteúdo

DE

J. B. DE A. GARRETT.

VIII.

(PRIMEIRO DAS VIAGENS)

VIAGENS NA MINHA TERRA

Índice de conteúdo

POR J. B. DE ALMEIDA-GARRETT.

I

LISBOA NA TYPOGRAPHIA DA GAZETA DOS TRIBUNAIS.
1846.

Os editores d'esta obra, vendo a popularidade extraordinaria que ella tinha publicada em fragmentos na *Revista*, intenderam fazer um serviço ás letras e á gloria do seu paiz, imprimindo-a agora reunida em um livro, para melhor se podêr avaliar a variedade, a riqueza e a originalidade de seu stylo inimitavel, da philosophia profunda que incerra, e sôbre tudo o grande e transcendente pensamento moral a que sempre tende, ja quando folga e ri com as mais graves coisas da vida, ja quando seriamente discute por suas leviandades e pequenezas.

As Viagens na minha terra, são um d'aquelles livros raros que so podiam ser escriptos por quem, como o auctor de *Camões* e de *Catão*, de *D. Branca* e do *Portugal na Balança da Europa*, do *Auto de Gil-Vicente* e do *Tractado de Educação*, do *Alfageme* e de *Fr. Luiz de Souza*, do *Arco de Sanct'Anna* e da *Historia Litteraria de Portugal*, de *Adozinda* e das *Leituras Historicas* e de tantas producções de tam variado genero, possui todos os stylos e, dominando uma lingua de immenso podêr, a costumou a servir-lhe e obedecer-lhe;—por quem com a mesma facilidade sobe a orar na tribuna, entra no gabinete nas graves discussões e demonstrações da sciencia—voa ás mais altas regiões da lyrica, da epopeia e da tragedia, lida com as fortes paixões do drama, e baixa ás não menos difficeis trivialidades da comedia;—por quem ao mesmo tempo, e como que mudando de natureza, póde dar-se todo ás mais aridas e materiaes ponderações da administração e da politica, e redigir com admiravel precisão, com uma exacção ideologica que talvez ninguem mais tenha entre nós, uma

lei administrativa ou de instrucção pública, uma constituição politica, ou um tractado de commercio.

Orador e poeta, historiador e philosopho, crítico e artista, jurisconsulto e administrador, erudito e homem d'Estado, religioso cultor da sua lingua e falando correctamente as extranhas—educado na pureza classica da antiguidade, e versado depois em todas as outras litteraturas—da meia-idade, da renascença e contemporanea—o auctor das Viagens Na Minha Terra é egualmente familiar com Homero e com o Dante, com Platão e com Rousseau, com Thucidides e com Thiers, com Guizot e com Xenophonte, com Horacio e com Lamartine, com Machiavel e com Chateaubriand, com Shakspeare e Euripedes, com Camões e Calderon, com Goethe e Virgilio, Schiller e Sá-de-Miranda, Sterne e Cervantes, Fenelon e Vieira, Rabelais e Gil-Vicente, Addison e Bayle, Kant e Voltaire, Herder e Smith, Bentham e Cormenin, com os Encyclopedistas e com os Sanctos-Padres, com a Biblia e com as tradicções sanscritas, com tudo o que a arte e a sciencia antiga, com tudo o que a arte emfim e a sciencia moderna teem produzido. Ve-se isto dos seus escriptos, e especialmente se ve d'este que agora publicâmos apezar de composto bem claramente ao correr da penna.

Mas ainda assim, e com isto somente, elle não faria o que faz se não junctasse a tudo isso o profundo conhecimento dos homens e das coisas, do coração humano e da razão humana; se não fosse, além de tudo o mais, um verdadeiro homem do mundo, que tem vivido nas côrtes com os principes, no campo com os homens de guerra, no gabinete com os diplomaticos e homens d'Estado, no

parlamento, nos tribunaes, nas academias, com todas as notabilidades de muitos paizes—e nos salões emfim com as mulheres e com os frivolos do mundo, com as elegancias e com as falsidades do seculo.

De tantas obras de tam variado genero com que, em sua vida ainda tam curta, este fecundo escriptor tem enriquecido a nossa lingua, é ésta talvez, tornâmos a dizer, a que elle mais descuidadamente escreveu: mas é tambem a que, em nossa opinião, mais mostra os seus immensos podêres intellectuaes, a sua erudição vastíssima, a sua flexibilidade de stylo espantosa, uma philosophia transcendente, e por fim de tudo, o natural indulgente e bom de um coração recto, puro, amigo da justiça, adorador da verdade, e inimigo declarado de todo o sophisma.

Tem sido accusado de sceptico: é a accusação mais absurda e que so denuncia, em quem a faz, ou grande ignorancia ou grande má fe. Quando o nosso auctor lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta fôrça e dexteridade, e que talvez por isso mesmo, conscio de seu podêr, elle rara vez toma nas mãos—veja-se que é sempre contra a hypocrisia, contra os sophismas, e contra os hypocritas e shopistas de *todas as côres*, que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. As mesmas suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca sôbre individuos; ve-se que despreza a facil vingança que, com tam poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem, por cada dicterio insulso e ephemero com que o teem pretendido injuriar, elle podia condemnar ao eterno oppróbrio de um pelourinho immortal

como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais immortaes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidas ficam os seus emulos com esse desprêzo do homem superior que se não appercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

Voltando á accusação de septicismo, ainda dizemos que não póde ser septico o espirito que concebeu, e em si achou côres com que pintar tam vivos, characteres de crenças tam fortes como o de Catão, de Camões, de Fr. Luiz de Sousa,—e aqui n'esta nossa obra, os de Fr. Diniz, de Joanninha, da Irman Francisca.

Não analysâmos agora as Viagens Na Minha Terra: a obra não está ainda completa e não podia completar-se portanto o juizo; dizemos somente o que todos dizem e o que todos podem julgar ja.

A nosso rôgo, e por fazer mais digna da sua reputação ésta segunda publicação da obra, o auctor prestou-se a dirigi-la elle mesmo, corrigiu-a, additou-a, alterou-a em muitas partes, e a illustrou com as notas mais indispensaveis para a geral intelligencia do texto: de modo que sahirá muito melhorada agora do que primeiro se imprimiu.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

[Índice de conteúdo](#)

Qu' il est glorieux d'ouvrir une nouvelle carrière, et de paraître tout-à-coup dans le monde savant un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l'espace!

X. DE MAISTRE.

CAPITULO I.

[Índice de conteúdo](#)

De como o auctor d'este erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu immortalizar-se escrevendo éstas suas viagens. Parte para Santarem.

Chega ao Terreiro-do-Paço, imbarca no vapor de Villa-Nova; e o que

ahi lhe succede. A Deducção-Chronologica e a Baixa de Lisboa. Lord

Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os Ilhavos e os

Bordas-d'agua: os da calça larga levam a melhor.

Que viagem á roda do seu quarto quem está á beira dos Alpes, de hynverno, em Turim, que é quasi tam frio como San'Petersburgo—intende-se. Mas com este clima, com este

ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o proprio *Xavier de Maistre*, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, n'estas suffocadas noites d'estio, viajo até á minha janella para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me inganar com uns verdes de árvores que alli vegetam sua laboriosa infancia nos intulhos do Caes-do-Sodré. E nunca escrevi éstas minhas viagens nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha penna: pobre e suberba, quer assumpto mais largo. Pois hei de dar-lh'o. Vou nada menos que a Santarem: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se hade fazer chronica.

Era uma idea vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha ha muito de ir conhecer as ricas varzeas d'esse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais historica e monumental das nossas villas. Aballam-me as instancias de um amigo, decidem-se as tonterias de um jornal, que por mexerique quiz incabeçar em designio politico determinado a minha visita.

Pois por isso mesmo vou:—*pronunciei-me*.

São 17 d'este mez de julho, anno de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrea. Seis horas da manham a dar em San'Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro-do-Paço. Chego muito a horas, invergonhei os meus madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se prezam de mais matutinos homens que eu. Ja vou quasi no fim da praça, quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça *d'ancien règime*: é o nosso chefe

e commandante, o capitão da impreza, o Sr. C. da T. que chega em estado.

Tambem são chegados os outros companheiros: o sino dá o último rebate.

Partimos.

N'uma *regata* de vapores o nosso barco não ganhava decerto o premio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns isthmicos ou olympicos para este genero de carreiras—e se para ellas houver algum Pindaro ancioso de correr, em strophes e antistrophes, atraz do vencedor que vai coroar de seus hymnos immortaes—não cabe nem um triste minguido epodo a este cançado corredor de Villanova. É um barco serio e sizudo que se não mette n'essas andanças.

Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este majestoso e pittoresco amphitheatro de Lisboa oriental, que é, vista de fóra, a mais bella e grandiosa parte da cidade, a mais characteristic, e onde, aqui e alli, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das chronicas. Da Fundição para baixo tudo é prosaico e burguez, chato, vulgar e semsabor como um periodo da *Deducção Chronologica*, aqui e alli assoprado n'uma tentativa ao grandioso do mau gôsto, como alguma oitava menos rasteira do *Oriente*.

Assim o povo, que tem sempre melhor gôsto e mais puro do que essa escuma descórada que anda ao decima das populações, e que se chama a si mesma por excellencia a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre-de-Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas de Chellas. A um lado a immensa majestade do Tejo em sua maior

extensão e podêr, que alli mais parece um pequeno mar mediterraneo; do outro a frescura das hortas e a sombra das árvores, palacios, mosteiros, sitios consagrados todos a recordações grandes ou queridas. Que outra sahida tem Lisboa que se compare em belleza com ésta? Tirado Bellem, nenhuma. E ainda assim, Bellem é mais arido.

Já saudámos Alhandra, a toireira; Villa-franca, a que foi de Xira, e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira, quando a tal restauração cahiu, como a todas as restaurações sempre succede e hade succeder, em odio e execração tal que nem uma pobre villa a quiz para sobrenome.

—'A questão não era de restaurar nem de não restaurar, mas de se livrar a gente de um govérno de patuscos, que é o mais odioso e ingulhoso dos governos possiveis.'

É a reflexão com que um dos nossos companheiros de viagem accudiu ao princípio de ponderação que eu ia involuntariamente fazendo a respeito de Villa-franca.

Mas eu não tenho odio nenhum a Villa-franca, nem a esse famoso cirio que lá foi fazer à velha monarchia. Era uma coisa que estava na ordem das coisas, e que por fôrça havia de succeder. Este necessario e inevitavel reviramento por que vai passando o mundo, hade levar muito tempo, hade ser contrastado por muita reacção antes de completar-se...

No entretanto vamos accender os nossos charutos, e deixemos os precintos aristocraticos da ré: á proa, que é paiz de cigarro livre!

Não me lembra que lord Byron celebrasse nunca o prazer de fummar a bórdo. È notavel esquecimento no poeta mais

imbarcadiço, mais marujo que ainda houve, e que até cantou o injôo, a mais prosaica e nauseante das miserias da vida! Pois n'um dia d'estes, sentir na face e nos cabellos a brisa refrigerante que passou por cima da agua, em quanto se aspiram mollemente as narcoticas exhalações de um bom cigarro da Havana, é uma das poucas coisas sinceramente boas que ha n'este mundo.

Fummemos!

Aqui está um campino fummando gravemente o seu cigarro de papel, que me vai imprestar lume.

'Dou-lh'o eu, senhor...' accode cortezmente outra figura mui diversa, cujas feições, trajo e modos singularmente contrastam com os do *musarabe* ribatejano.

Accenderam-se os charutos, e attentámos mais de vagar na companhia em que estavamos.

Era com effeito notavel e interessante o grupo a que nos tinhamos chegado, e destacava pittorescamente do resto dos passageiros, mistura hybrida de trajos e feições descharacterizadas e vulgares—que abunda nos arredores de uma grande cidade maritima e commercial.—Não assim este grupo mais separado com que fomos topar. Constava elle de uns dôze homens; cinco eram d'esses famosos atletas da Alhandra que vão todos os domingos colher o *pulverem olympicum* da praça de Sanct'Anna, e que, á voz soberana e irresistivel de: *á unha, á unha, á cernelha!....* correm a arcar com mais generosos, não mais possantes, animaes que elles, ao som das immensas palmas, e a trôco dos raros pintos por que se manifesta o sempre clamoroso e sempre vazio entusiasmo das multidões. Voltavam á sua terra os meus cinco luctadores ainda em trajo de praça,

ainda esmurrados e cheios de glória da contenda da vespera. Mas aopé d'estes cinco e de altercação com elles—ja direi porquê—estavam seis ou sette homens que em tudo pareciam os seus antipodas.

Emvez do calção amarello e da jaqueta de ramagem que caracterizam o homem do forcado, estes vestiam o amplo saiote grego dos varinos, e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas. O campino, assim como o saloio, tem o cunho da raça africana; estes são da familia pelasga: feições regulares e moveis, a fórma agil.

Ora os homens do norte estavam disputando com os homens do sul: a questão fôra interrompida com a nossa chegada á proa do barco. Mas um dos lhavos—bella e poetica figura de homem—voltando-se para nós, disse n'aquelle seu tom accentuado:—'Ora aqui está quem hade decidir: vejam-n'os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ninguem, que não ha quem lhes chegue. E os senhores, a serem ca de Lisboa, hãode dizer que sim. Mas nós...'

—Nenhum de nós é de Lisboa: so este senhor que aqui vem agora.

Era o C. da T. que chegava.

—'Este conheço eu; este é dos nossos (bradou um homem de forcado, assim que o viu). Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi n'uma ferra, isso é verdade; mas aqui de Vallada a Almeirim ninguem corre mais do que elle por sol e por chuva, e hade saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.'

—'Pois oiçamos lá a questão.'

—'Não é questão'—tornou o Ilhavo: 'mas se este senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje é um jardim, benza-o Deus!—mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é, e fez terra das areas da charneca.'

—'Lá isso é verdade'.

—'Não, não é! Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma lavoira que a faz Deus por sua mão, regar e adubar e tudo: e o que Deus não faz, não fazem elles, que nem sabem ter mão n'esses monchões c'o plantio das arvores: so lá por cima é que algumas teem mettido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as inchentes.—Mas nós, pe no barco pe na terra, tam depressa estamos a sachar o milho na charneca, como vimos por ahi abaixo com a vara no peito, e o saveiro a pegar n'area por não haver agua... mas sempre labutando pela vida'.

—'A fôrça é que se falla'—tornou o campino para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha.—'A fôrça é que se falla: um homem do campo que se deita alli á cernelha de um toiro que uma companha inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores pelo rabo!..'

E reforçou o argumento com uma gargalhada triumphante, que achou echo nos interessados circumstantes que ja se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os Ilhavos ficaram um tanto abatidos; sem perderem a consciencia da sua superioridade, mas acanhados pela

algazarra.

Parecia a esquerda de um parlamento quando ve sumir-se, no borburiño acintoso das turbas ministeriaes, as melhores phrases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhavo não era homem de se dar assim por derrotado. Olhou para os seus, como quem os consultava e animava, com um gesto expressivo, e voltando-se a nós, com a direita estendida aos seus antagonistas:

—'Então agora como é de fôrça, quero eu saber, e estes senhores que digam, qual é que tem mais fôrça, se é um toiro ou se é o mar'.

—'Essa agora!..'

—'Queríamos saber'.

—'É o mar'.

—'Pois nós que brigâmos com o mar, oito e dez dias a fio n'uma tormenta, de Aveiro a Lisboa, e estes que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais fôrça?'

Os campinos ficaram cabisbaixos; o publico imparcial applaudiu por ésta vez a opposição, e o Vouga triumphou do Tejo.

CAPITULO II.

[Índice de conteúdo](#)

Declaram-se typicas, symbolicas e mythicas éstas viagens. Faz o A.

modestamente o seu proprio elogio. Da marcha da civilização; e mostra-se como ella é dirigida pelo cavalleiro da Mancha D. Quixote, e por seu escudeiro Sancho Pança.—Chegada a Villa-Nova-da-Rainha, Supplicio de Tantaló.—A virtude galardão de si mesma; e sophisma de Jeremias Bentham.—Azambuja.

Éstas minhas interessantes viagens hãode ser uma obra prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do seculo. Preciso de o dizer ao leitor, paraque elle esteja previnido; não cuide que são quaesquer d'essas rabiscaduras da moda que, com o titulo de *Impressões de Viagem*, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da sciencia e do adiantamento da especie.

Primeiro que tudo, a minha obra é um symbolo... é um mytho, palavra grega, e de moda germanica, que se mette hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar.

É um mytho porque—porque... Já agora rasgo o veó, e declaro abertamente ao benevolo leitor a profunda idea que está occulta debaixo d'esta ligeira apparencia de uma viagemzita que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada com um livro novo da feira de Leipsick, não das taes brochurinhas dos *boulevards* de Paris.

Houve aqui ha annos um profundo e cavo philosopho d'além Rheno, que escreveu uma obra sôbre a marcha da civilização, do intellecto—o que diriamos, para nos

intenderem todos melhor, *o Progresso*. Descobriu elle que ha dois principios no mundo: o *espiritualista*, que marcha sem attender á parte material e terrena d'esta vida, com os olhos fittos em suas grandes e abstractas theorias, hirto, sêcco, duro, inflexivel, e que póde bem personalizar-se, symbolizar-se pelo famoso mytho do cavalleiro da Mancha, D. Quixote;—o *materialista*, que, sem fazer caso nem cabedal d'essas theorias, em que não crè, e cujas impossiveis applicações declara todas utopias, póde bem representar-se pela rotunda e anafada presença do nosso amigo velho, Sancho Pança.

Mas, como na historia do malicioso Cervantes, estes dois principios tam avessos, tam desincontrados, andam comtudo junctos sempre; ora um mais atraz, ora outro mais adiante, impecendo-se muitas vezes, coadjuvando-se poucas, mas *progredindo* sempre.

E aqui está o que é possível ao progresso humano.

E eisaqui a chronica do passado, a historia do presente, o programma do futuro.

Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina elrei Sancho.

Depois hade vir D. Quixote.

O senso commum virá para o millenio: reinado dos filhos de Deus! Está promettido nas divinas promessas... como elrei de Prussia prometteu uma constituição; e não faltou ainda, porque—porque o contracto não tem dia; prometteu mas não disse para quando.

Ora n'esta minha viagem Tejo-a-riba está symbolizada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor

intendesse agora. Tomarei cuidado de lh'o lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.

Somos chegados ao triste desimbarcadero de Villa-Novada-Rainha, que é o mais feio pedaço de terra alluvial em que ainda poisei os meus pés. O sol arde como ainda não ardeu este anno.

Um immenso arraial de caleças, de machinhos, de burros e arrieiros, nos espera n'aquelle descampado africano. É forçoso optar entre os dois martyrios da caleça ou do macho. Do mal o menos... seja este.

E acolá—oh supplício de Tantaló!—vejo duas possantes e nedeas mulas castelhanas jungidas a um vehiculo que, n'estas paragens e ao pé d'aquell'outros, me parece mais esplendido do que um landaw de Hyde-Park, mais elegante que um caleche de Long-champs, mais commodo e elastico do que o mais acrío briska da princeza Hellena. E com tudo—oh magico podêr das situações!—elle não é senão, uma substancial e bem apessoada traquitana de cortinas.

Togados manes dos antigos desimbargadores, venerandas cabelleiras de anneis e castanhola, que direis, ó respeitadas sombras, se d'esse limbo onde estais esperando pela resurreição do Pêgas... e do livro quinto—vêdes este degenerado e espurio successor vosso, em calças largas, frak verde, chapéu branco, gravata de côr, chicotinho de caoutchouc na mão, prompto a cavalgar em mulinha de Palito-Metrico como um garraio estudantinho do segundo anno, e deitando olhos invejosos para esse natural, proprio e adscripticio modo de conducção desimbargatoria? Oh que direis vós! Com que justo desprêzo não olhareis para tanta degradação e derogação!

Eu commungava silenciosamente commigo n'estas graves meditações, e revolvia incertamente no ânimo a ponderosa dúvida:—se o administrar justiça direita aos povos valia a pena de andar um desimbargador a pé!... Luctava no meu ser o Sancho Pança da carne com o D. Quixote do espirito—quando a Providencia, que nos maiores apertos e tentações nos não abandona nunca, me trouxe a generosa offerta de um amigo e companheiro do vapor, o Sr. L. S.: era sua a invejada carroça, e n'ella me deu logar até á Azambuja.

A virtude é o galardão de si mesma, disse um philosopho antigo; e eu não creio no famoso ditto de Bentham, que sabedoria antiga seja um sophisma. O mais moderno é o mais velho, não ha dúvida; mas o antigo que dura ainda, é porque tem achado na experiencia a confirmação que o moderno não tem. Jeremias Bentham tambem fazia o seu sophisma como qualquer outro.

Vamos percorrendo lentamente aquelle mal-composto marachão que poucos palmos se eleva do nivel baixo e salgadiço do solo: de hynverno não se passará sem perigo; ainda agora se não anda sem incómodo e receio. Estamos em Villa-Nova e ás portas do nojento caravanseray, unico asylo do viajante n'esta, hoje, a mais frequentada das estradas do reino.

Parece-me estar mais deserto e sujo, mais abandonado e em ruinas este asqueroso logarejo, desde que alli aopé tem a estação dos vapôres, que são a commodidade, a vida, a alma do Ribatéjo. Imagino que uma aldeia de Alarves nas faldas do Atlas deve ser mais limpa e commoda.

Oh! Sancho, Sancho, nem sequer tu reinarás entre nós! Cahiu o carunchoso throno de teu predecessor, antagonista e ás vezes amo; açoitaram-te essas nadeegas para desincantar a formosa *del Toboso*, proclamaram-te depois rei em *Barataria*, e n'esta tua provincia lusitana nem o paternal govêrno de teu estúpido materialismo póde estabelecer-se para commodo e salvação do corpo; ja que a alma... oh! a alma...

Fallemos n'outra coisa.

Fujamos depressa d'este monturo.—É monótona, arida e sem frescura de árvores a estrada: apenas alguma rara oliveira mal-medrada, a longos e desiguaes espaços, mostra o seu tronco rachitico e braços contorcidos, ornados de ramusculos doentes, em que o natural verde-alvo das folhas é mais alvacento e desbotado que o costume. O solo porém, com raras excepções, é optimo, e a trôco de pouco trabalho e insignificante despeza, daria uma estrada tam boa como as melhores da Europa.

Dizia um secretario d'Estado meu amigo que para se repartir com egualdade o melhoramento das ruas por toda Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro todos os tres mezes. Quando se fizer a lei de responsabilidade ministerial, para as kalendas gregas, eu heide propor que cada ministro seja obrigado a viajar por este seu reino de Portugal ao menos uma vez cada anno, como a desobriga.

Ahi está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visiveis signaes de vida, aceadas e com ar de confôrto as suas casas. É a primeira povoação que dá indicio de estarmos nas ferteis margens do Nilo portuguez.

Corrémós a apear-nos no elegante estabelecimento que ao mesmo tempo cumulla as tres distinctas funcções, de *hotel, de restaurant e de café* da terra.

Sancto Deus! que bruxa que está á porta! que antro lá dentro!... Cai-me a penna da mão.

CAPITULO III.

Índice de conteúdo

Acha-se desapportado o leitor com a prosaica sinceridade do A. d'estas viagens. O que devia ser uma estalagem nas nossas eras de litteratura romantica?—Suspende-se o exame d'esta grave questão para tractar, em prosa e verso, um mui difficil ponto de economia-politica e de moral social.—Quantas almas é preciso dar ao diabo, e quantos corpos se teem de intregar no cemiterio para fazer um ricco n'este mundo.—Como se veio a descobrir que a sciencia d'este seculo era uma grandessissima tola.—Rei de facto, e rei de direito.—Belleza e mentira não cabem n'um sacco.—Põe-se o A. a caminho para o pinhal da Azambuja.

Vou desapportar decerto o leitor benevolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha

adquirido nos dois primeiros capitulos d'esta interessante viagem.

Pois que esperava elle de mim agora, de mim que ousei declarar-me escriptor n'estas eras de romantismo, seculo das fortes sensações, das descripções a traços largos e *incisivos* que se intalham n'alma e entram com sangue no coração?

No fim do capitulo precedente parámos á porta de uma estalagem: que estalagem deve ser ésta, hoje no anno de 1843, ás barbas de Victor Hugo, com o Doutor Fausto a trotar na cabeça da gente, com os *Mysterios de Paris* nas mãos de todo o mundo?

Ha paladar que suporte hoje a classica *posada* do Cervantes com o seu *mesonero* gordo e grave, as pulhas dos seus arrieiros, e o mantear de algum pobre lorpa de algum Sancho! Sancho, o invisivel rei do seculo, aquelle *por quem hoje os reis reinam e os fazedores de leis decretam e afferem o justo!* Sancho manteado por vis muleteiros! Não é da epocha.

Eu coroarei de trevo a minha espada,
De cenoiras, luzerna e betarrava,
Para cantar Harmódios e Aristógilons,
Que do tyranno jugo vos livraram
Da sciencia velha, inutil carunchosa,
Que elevava da terra, erguia, alçava
O que no homem ha de Ser divino,
E para os grandes feitos e virtudes
Lhe despegava o espirito da carne...

Não: plantae batatas, ó geração de vapor e de pó de pedra, macadamisae estradas, fazei caminhos de ferro,

construí passarolas de Icaro, para andar a qual mais depressa, éstas horas contadas de uma vida toda material, massuda e grossa como tendes feito ésta que Deus nos deu tam differente do que a hoje vivemos. Andae, ganha-pães, andae; reduzi tudo a cifras, todas as considerações d'este mundo a equações de interêsse corporal, comprae, vendei, agiotae.—No fim de tudo isto, o que lucrou a especie humana? Que ha mais umas poucas de duzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas-politicos, aos moralistas, se ja calcularam o número de individuos que é forçoso condemnar á miseria, ao trabalho desproporcionado, á desmoralização, á infamia, á ignorancia crapulosa, á desgraça invencivel, á penuria absoluta, para produzir um ricco?—Que lh'o digam no Parlamento inglez, onde, depois de tantas commissões de inquérito, ja deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se tem de intregar antes do tempo ao cemiterio para fazer um tecelão ricco e fidalgo como Sir Robert Peel, um mineiro, um banqueiro, um grangeeiro—seja o que for: cada homem ricco, abastado, custa centos de infelizes, de miseraveis.

Logo a nação mais feliz não é a mais ricca. Logo o princípio utilitario é a *mamona* da injustiça e da reprovação. Logo...

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

A sciencia d'este seculo é uma grandessissima tola.

E como tal, presumpçosa e cheia do orgulho dos nescios.

.....
.....

.....

Vamos á descripção da estalagem. Não póde ser classica; assoviam-me todos esses rapazes de pera, bigode e charuto, que fazem litteratura cava e funda desde a porta do Marrare até ao café de Moscow...

Mas aqui é que me apparece uma incoherencia inexplicavel. A sociedade é materialista; e a litteratura, que é a expressão da sociedade, é toda excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritalista! Sancho rei de facto, Quixote rei de direito!

Pois é assim; e explica-se.—É a litteratura que é uma hypocrita: tem religião nos versos, charidade nos romances, fé nos artigos de jornal—como os que dão esmolos para pôr no *Diario*, que amparam orphans na *Gazeta*, e sustentam viuvias nos cartazes dos theatros.

E fallam no Evangelho! Deve ser por escarneo. Se o leem, hãode ver lá que nem a esquerda deve saber o que faz a direita...

Vamos á descripção da estalagem; e acabemos com tanta digressão.

Não póde ser classica, está visto, a tal descripção.—Seja romantica.—Tambem não póde ser. Porque não? É pôr-lhe lá um *Chourineur* a amolar um facão de palmo e meio para espatifar rez e homem, quanto encontrar,—uma *Fleur-de-Marie* para dizer e fazer pieguices com uma rozeirinha pequenina, bonitinha, que morreu, coitadinha!—e um principe allemão incoberto, forte no sôcco britannico, immenso em libras sterlinas, profundo em gyria de cegos e ladrões... e ahi fica a Azambuja com uma estalagem que

não tem que invejar á mais pintada e da moda n'este seculo elegante, delicado, verdadeiro, natural!

É como eu devia fazer a descripção: bem o sei. Mas ha um impedimento fatal, invencivel—egual ao d'aquella famosa salva que se não deu... é que nada d'isso lá havia.

E eu não quero calumniar a boa gente da Azambuja. Que me não leam os taes, porque eu heide viver e morrer na fé de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai.

Ja se diz ha muito anno que honra e proveito não cabem n'um sacco; eu digo que belleza e mentira tambem lá não cabem: e é a mais portugueza traducção que creio que se possa fazer d'aquelle ímmortal e evangelico hemystichio. A maior parte das bellezas da litteratura actual fazem-me lembrar aquellas formosuras que tentavam os sanctos eremitas na Thebaida. O pobre de Sancto Antão ou de S. Pacomio (Pacomio é melhor aqui) ficavam imbasbacados ao princípio; mas dava-lhe o coração uma pancada, olhavam-lhe para os pés...—Cruzes maldicto! Os pés não podia elle incobrir. E ao primeiro *abrenuntio* do sancto, dissipava-se a belleza em muito fummo de inxofre, e ficava o diabo negro feio e cabrum como quem é, e sempre foi o pae da mentira.

Nada, nada, verdade e mais verdade. Na estalagem da Azambuja o que havia era uma pobre velha a quem eu chamei bruxa, porque emfim que havia de eu chamar á velha suja e maltrapida que estava á porta d'aquella asquerosa casa?

Havia lá ésta velha, com a sua môça mais môça mas não menos nojenta de ver que ella, e um velho meio paralytico meio demente que alli estava para um canto com todo o

geito e traça de quem vem folgar agora na taberna porque já bebeu o que havia de beber n'ella.

Matava-nos a sêde; mas a agua alli é beber quartans. O vinho era atroz. Limonada? Não ha limões nem assucar.— Mandou-se um proprio á tenda no fim da villa. Vieram tres limões que me pareceram de uns que pendiam, quando eu vinha a férias, á porta do famoso botequim de Leiria.

O assucar podia servir na última scena de M. de Pourceaugnac muito melhor que n'uma limonada. Mas misturou-se tudo com a agua das sezões, bebémos, pozemo-nos em marcha, e até agora não nos fez mal, com ser a mais abominavel, antipathica e suja beberagem que se póde imaginar.

Caminhámos na mesma ordem até chegar ao famoso pinhal da Azambuja.

CAPITULO IV.

[Índice de conteúdo](#)

De como o A. foi pensando e divagando, e em que pensava e divagava elle, no caminho da villa da Azambuja até o famoso pinhal do mesmo nome.—Do poeta grego e philosopho Démades, e do poeta e philosopho inglez Addison, da casaca de penneiros e do palio atheniense, e de outros importantes assumptos em que o A. quiz mostrar a sua profunda erudição.—Discute-se a materia gravissima se é

necessario que um ministro d'estado seja ignorante e leigarraz.—Admiraveis reflexões de zigzag em que se tracta de *re politica* e de *re amatoria*.—Descobrese porfim que o A. estivera a sonhar em todo este capitulo, e pede-se ao leitor benevolo que volte a folha e passe ao seguinte.

Eu darei sempre o primeiro logar á modestia entre todas as bellas qualidades.—Ainda sôbre a innocencia?—Ainda sim. A innocencia basta uma falta para a perder, da modestia so culpas graves, so crimes verdadeiros podem privar. Um accidente, um acaso podem destruir aquella, a ésta so uma acção propria, determinada e voluntaria.

Bem me lembram ainda os dois versos do poeta Démades que são forte argumento de auctoridade contra a minha theoria; cuidei que tinha mais infeliz memoria. Heide pô-los aqui para que não falte a ésta grande obra das minhas viagens o merito da erudição, e lhe não chamem livrinho da moda: estou resolvido a fazer a minha reputação com este livro.

Aid ôs te kalle ka aretês polis,
Prôtoê sgathis hamartia deuteron de ais chunê.

Da belleza e virtude é a cidadella
A innocencia primeiro—e depois ella.

Mas a auctoridade responde-se com auctoridade, e a texto com texto. E eu trago aqui na algibeira o meu Addison —um dos poucos livros que não largo nunca—e atiro com o philosopho inglez ao philosopho grego e fico triumphante: porque Addison não põe nada acima da modestia; e Addison, apesar da sua casaca de penneiros, é muito maior

philosopho do que foi Démades com a sua tunica e o seu palio atheniense.

O erudito e amavel leitor escapará d' ésta vez a mais citações: compre um *Spectator*, que é livro sem que se não póde estar, e veja *passim*.

Eu gósto, bem se ve, de ir ao incôntro das objecções que me podem fazer; lembro-as eu mesmo paraque depois me não digam:—'Ah, ah! vinha a ver se pegava!'—Não senhor, não é o meu genero esse.

Francamente pois... eis-ahi o que poderão dizer:—'Addison foi secretario d'Estado, e então...'—Então o quê? Não concebem um secretario d'Estado philosopho, um ministro poeta, escriptor elegante, cheio de graça e de talento? Não, bem vejo que não: teem a idea fixa de que um ministro d'Estado hade ser por fôrça algum semsaborão, malcriado e petulante. Mas isto é nos paizes adiantados em que ja é indifferente para a coisa-pública, em que povo nem principe lhes não importa ja, em que mãos se intregam, a que cabeças se confiam. Em Inglaterra não é assim, nem era assim no tempo de Addison. Fossem lá á rainha Anna que deixasse entrar no seu gabinete quatro calças de coiro sem criação nem instrucção, e não mais senão so porque este sabía jogar nos fundos, aquelle tinha boas tretas para o *canvassing* de umas eleições, o outro era figura importante no *Freemasson's-hall*!

Ja se ve que em nada d'isto ha a minima allusão ao feliz systema que nos rege: estou fallando de modestia, e nós vivemos em Portugal.

A modestia comtudo quando é excessiva e se aproxima do acanhamento, do que no mundo se chama *falta de uso*—